

Daniele Ribeiro Fortuna
Universidade do Estado do
Rio de Janeiro. Rio de Janeiro
- RJ, Brasil

**Denise da Costa
Oliveira Siqueira**
Universidade do Estado do
Rio de Janeiro. Rio de Janeiro
- RJ, Brasil

**O corpo, o nojo e a cidade:
produção de sentidos
no cinema e na literatura**

**Body, disgust and the city:
sense production in cinema
and literature**

**El cuerpo, el asco y la ciudad:
la producción de sentidos en
el cine y la literatura**

RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar, sob uma perspectiva comparativa, os livros *Quarto de despejo* e *Meu estranho diário*, de Carolina de Jesus, com o filme *Estamira* no que diz respeito ao corpo, ao nojo e ao cenário urbano. A metodologia para a realização da pesquisa estrutura-se em três linhas: a analítica, a teórica e a comparativa. Partimos de uma leitura crítica de estudos sobre o corpo, com destaque para os textos de Rodrigues, Santaella, Perniola e Le Breton; estudos sobre o nojo, a partir de Miller e Menninghaus, e abordagens sobre a cidade, tendo como perspectiva as leituras de Bauman, Castells, Canclini e Sennett. Finalmente, analisamos os livros de Carolina de Jesus e o filme *Estamira*.
Palavras-chave: corpo, nojo; cidade, comunicação; cultura.

ABSTRACT

This paper aims at making a comparative analysis of the books *Quarto de despejo* [Junk room] and *Meu estranho diário* [My weird journal] and the movie *Estamira* regarding body, disgust and the urban setting. The research was structured under three methodological approaches: analytical, theoretical, and comparative. We started from a critical reading of the body, emphasizing the works by Rodrigues, Santaella, Perniola, and Le Breton; theoretical studies on disgust, based on Miller and Menninghaus, and approaches of the city based on the works by Bauman, Castells, Canclini, Sennett; and finally an analysis of Carolina Maria de Jesus' books and the film *Estamira*.
Keywords: body; disgust, city, communication; culture.

RESUMEN

Este artículo tiene por finalidad analizar, bajo a una perspectiva comparativa, los libros *Quarto de despejo* [El aposento de despejo] y *Meu estranho diário* [Mío extraño diario] y la película *Estamira*, respecto al cuerpo, al asco y al escenario urbano. La investigación fue estructurada en tres líneas metodológicas: analítica, teórica y comparativa. Partimos de una lectura crítica del cuerpo, con destaque para los textos de Rodrigues, Santaella, Perniola y Le Breton; estudios teóricos sobre el asco, a partir de Miller y Menninghaus y abordajes sobre la ciudad bajo la perspectiva de trabajos de Bauman, Castells, Canclini e Sennett; finalmente, la análisis de los libros de Maria Carolina de Jesus y de la película *Estamira*.
Palabras clave: cuerpo; asco, ciudad; comunicación y cultura.

Submissão: 18/11/2013
Decisão editorial: 10/8/2015

Introdução

O corpo e seus nojos são temas presentes em importante parte da literatura e do cinema brasileiros. São, ao mesmo tempo, temáticas contemporâneas que contemplam um olhar paradigmático sobre os espaços urbanos e suas possibilidades midiáticas. O corpo está presente nas cidades, lidando com cheiros, atividades, proximidades e lixos que provocam abjeção.

Tendo como foco o corpo e seu contato com o lixo, a pesquisa que dá origem a este artigo parte do estudo dos livros *Quarto de despejo* (JESUS, 2006) e *Meu estranho diário* (JESUS, 2007), de Maria Carolina de Jesus, e do documentário *Estamira* (2004), dirigido por Marcos Prado. A análise detém-se no aspecto urbano, pano de fundo de ambos, e no nojo – sensação que quem lida com a catação de lixo precisa enfrentar.

O livro *Quarto de despejo* foi publicado em 1960. Nele, a autora narra detalhes sobre seu dia a dia como catadora de lixo na periferia de São Paulo. *Meu estranho diário* foi editado em 1996 e inclui textos inéditos de Carolina sobre seu cotidiano na favela, mas também sobre sua vida depois da publicação de *Quarto de despejo*. São textos fragmentados escritos fora da norma culta da língua. Nesta pesquisa

são analisados apenas os trechos que dizem respeito ao período em que Carolina de Jesus era catadora.

Com outra linguagem, dessa vez fortemente visual, mas com temática próxima, *Estamira* retrata o cotidiano de catadora da personagem que dá nome ao documentário. Estamira vive no subúrbio do Rio de Janeiro, no início da década de 2000.

Quarenta e cinco anos separam Carolina de Jesus de Estamira. Cidades diferentes, contextos diversos, mas muitas semelhanças. Ambas podem ser pensadas como aquelas pessoas que Bauman (2004, p. 12) chamou de “refugo humano”, pessoas “deslocadas”, “inadaptadas” ou “indesejáveis”. Tanto Carolina quanto Estamira são mulheres que vivem em centros urbanos – Carolina, em São Paulo, e Estamira, no Rio de Janeiro –, à margem da sociedade, em condições precárias e que têm no lixo sua forma de sustento. As duas têm seus corpos afetados por essa realidade e suas palavras e gestos demonstram essas sensações.

Embora seja possível observar que Carolina mantém sua sanidade mental, ela se sente sempre cansada, um “objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo” (JESUS, 1997, p. 33). As pessoas que a cercam vivem entorpecidas pelo álcool ou atacadas por diversos males físicos. Já Estamira parece ter perdido a conexão com a realidade. No filme, cenas mostram moscas sobre seu corpo, sem que ela demonstre perceber. Seus companheiros do lixão também têm seus corpos e mentes cansados, desgastados pelo tempo e pelo trabalho árduo.

O corpo, o cenário urbano e o nojo em *Quarto de despejo* e em *Meu estranho diário* parecem ter seus limites exacerbados em *Estamira*. As fronteiras entre corpo e lixo e entre saúde e doença parecem

mais tênues no filme, ao passo que a resistência ao nojo mostra-se mais forte em função do tipo de refúgio com o qual Estamira é obrigada a lidar. De acordo com Audálio Dantas (apud SANTOS, 2009, p. 123), jornalista que ajudou Carolina a editar *Quarto de despejo*, “o lixo de Carolina era diferente do lixo de Estamira. Não era um lixão, aquela montanha lá do Rio de Janeiro, mas o lixo espalhado pelas ruas”. Quanto ao cenário urbano, este se apresenta mais violento, cruel, fragmentado e excludente no filme.

Partindo dessas observações, levantaram-se os seguintes questionamentos: como se constroem os corpos de Estamira, Carolina e seus companheiros em uma época em que a consolidação do capitalismo transformou o corpo em “corpo-consumidor” (RODRIGUES, 1995, p. 60) até culminar no que Santaella (2008, p. 192) denomina “corpo pós-humano” e Perinola (2005, p. 21), “coisa que sente”? Que relações apresentam tais corpos com o cenário urbano no qual (sobre)vivem? Que papel desempenham nesse cenário? Como esses corpos lidam com o nojo? Como a questão do lixo relaciona-se a eles? Essas são as indagações que a pesquisa pretende abordar.

Corpo, nojo e antropologia das emoções em discussão

O corpo, o nojo e a cidade são temas que estão constantemente presentes na literatura e no cinema. Este artigo¹ busca analisar, de forma comparativa, estes assuntos em dois exemplos destes discursos: os

¹ Pesquisa realizada entre 2012 e 2103 no pós-doutorado em Comunicação desenvolvido na UERJ e supervisionado pela professora Denise Siqueira, e, posteriormente, continuada na Universidade Unigranrio, no Rio de Janeiro, como projeto de bolsa de produtividade em pesquisa da própria instituição.

livros *Quarto de despejo* e *Meu estranho diário* e o filme *Estamira*.

A metodologia para a realização da pesquisa estruturou-se em três linhas: a analítica, a teórica e a comparativa. Desenvolveram-se os seguintes procedimentos metodológicos: pesquisa bibliográfica e levantamento de bibliografia suplementar sobre os temas corpo, nojo e cidade; leitura dos estudos sobre o corpo, com destaque para os textos de Rodrigues, Santaella, Perniola e Le Breton; dos estudos sobre o nojo, de Cohen e Johnson, Menninghaus, Kolnai, Miller e Miller; de abordagens sobre a cidade, de Bauman, Castells, Canclini e Sennett. Posteriormente, desenvolveu-se uma análise dos livros *Quarto de despejo* e *Meu estranho diário* e análise do filme *Estamira*. Finalmente, efetuou-se uma comparação entre os mencionados livros e filme no que diz respeito ao corpo, ao nojo e à cidade.

Em relação ao quadro teórico que fundamenta o estudo, parte-se de uma perspectiva cultural do corpo e do nojo e de leituras sobre estudos urbanos. Entende-se que as abordagens do corpo passaram por várias transformações ao longo da história cultural das sociedades ocidentais. Em termos de recorte metodológico, a pesquisa considera o corpo que se modifica a partir das mudanças que o advento de tecnologias e o avanço da industrialização implicaram. A utilização de novas máquinas na indústria permitiu, entre outras coisas, a diminuição da carga horária dos trabalhadores. Isso, somado a vários outros fatores, culminou no surgimento do que Rodrigues (1995) chamou de corpo-consumidor. Segundo o antropólogo, "trata-se agora de um corpo que, em vez de se digerir nas rotinas das fábricas, passa a ter por

função fundamental a de digerir em escala industrial os produtos que as máquinas cospem infatigavelmente" (RODRIGUES, 1995, p. 60).

Nessa perspectiva, o corpo é tomado como um objeto e é tratado como tal. Tanto o corpo como suas partes fragmentadas são considerados consumidores. Por isso, a preocupação com cada uma delas. Daí, para cada parte, ser preciso um especialista: *personal trainer*, dermatologista, cirurgião plástico, tatuador, *personal stylist*, cabeleireiro, manicure, tinturista.

Liberado do dever de produzir, este novo corpo incorpora, portanto, o dever de consumir. Esta nova tarefa é vista como fruição, como prazer, fazendo coincidir o agradável e o obrigatório. Mais importante, o corpo-consumidor desperta uma nova sensibilidade: a do corpo sem calos, sem cicatrizes, sem marcas de trabalho. (RODRIGUES, 1995, p. 60-61).

Aos poucos, o corpo-consumidor vai se aproximando do corpo da atualidade, o corpo "pós-humano", que é "coisa que sente". De acordo com Santaella (2008, p. 192): "o pós-humano representa a construção do corpo como parte de um circuito integrado de informação e matéria que inclui componentes humanos e não-humanos, tanto *chips* de silício quanto tecidos orgânicos, *bits* de informação e *bits* de carne e osso".

O homem pós-humano caracteriza-se pelas mudanças possibilitadas pelas cirurgias estéticas, pela dietética, pelo *body building*, pelos enxertos, pelas cirurgias de mudança de sexo e as possibilidades de modificação genética e clonagem. Além da lógica do espetáculo, é possível observar uma mudança dos limites, que se tornam tênues.

A noção de corpo pós-humano aproxima-se do que o filósofo italiano Mario Perniola chama de “coisa que sente”. Segundo Perniola, a época atual vem testemunhando uma mudança no sentir, o que acaba implicando mudanças na maneira pela qual o corpo situa-se na cultura e na sociedade. Para Perniola (1993, p. 12), “os objectos, as pessoas, os acontecimentos apresentam-se como algo já sentido, que vem ocupar-nos com uma tonalidade sensorial, emotiva, espiritual já determinada”. Por isso, o sentir assume agora uma dimensão anônima e impessoal, na qual predomina também o que Mario Perniola chama de “coisa que sente”:

Dar-se como uma coisa que sente e agarrar uma coisa que sente, esta é a nova experiência que se impõe ao sentir contemporâneo. [...] parece que as coisas e os sentidos já não lutam entre si, mas tenham tecido uma aliança graças à qual a abstração mais distanciada e a excitação mais desenfreada sejam quase inseparáveis e muitas vezes indistinguíveis. (PERNIOLA, 2005, p. 21).

Como coisa que sente, o sujeito comporta-se de maneira impessoal. Apagam-se as fronteiras entre seu corpo e o mundo. Apaga-se a identidade entre o seu corpo e o corpo do outro. Explode, enfim, a separação entre o eu e o não eu, interior e exterior, seres humanos e coisas.

De acordo com pesquisa realizada em 2006, o nojo é uma sensação ambígua². Atração, repulsa, fascínio, asco, curiosidade. Pensamentos perversos.

² No que diz respeito ao nojo, um levantamento bibliográfico foi realizado, em 2006, por Santos (2007), durante o período de doutorado sanduíche, em Georgetown University, Washington, Estados Unidos. Este levantamento já está sendo atualizado.

Pensamentos que nem sempre controláveis. O nojo é abjeto. Coloca o sujeito em contato com um lado sombrio que ele geralmente busca ignorar.

Miller (1997) revela que o nojo é um universo rico em significados, que engloba, principalmente, o corpo e seus orifícios, mas, também, a ordem política, social, moral e cultural. O autor traça uma breve historiografia do nojo, desde a Idade Média até os dias atuais. Também enfatiza as diferenças entre o nojo e as sensações que o senso comum considera semelhantes, como o medo, o horror, o tédio e o desprezo. Segundo ele, nem sempre essas sensações repelem – e o nojo deve, necessariamente, repelir.

O nojo difere das outras emoções por apresentar um estilo único e repugnante. A linguagem do nojo invoca consistentemente a experiência sensorial do sentimento de estar em perigo em função do nojo, de estar próximo a ele, ter que cheirá-lo, olhá-lo, tocá-lo. (MILLER, 1997, p. 9, tradução nossa)³.

Miller também observa como o domínio do nojo estrutura-se. O autor considera que esta é uma área repleta de oposições, as quais são cruciais para entendê-lo: como inorgânico x orgânico; vegetal x animal; humano x animal; nós x eles; eu x você; meu exterior x meu interior; seco x molhado; fluido x pegajoso; duro x esponjoso; vida x morte; saúde x doença; belo x feio.

O nojo, segundo William Miller (1997), tem um forte significado político, na medida em que trabalha

³ “Disgust differs from other emotions by having a unique aversive style. The idiom of disgust consistently invokes the sensory experience of what it feels like to be put in danger by the disgusting, of what it feels like to be too close to it, to have to smell it, see it, or touch it.”

para manter a hierarquia social, avaliando e proclamando a inferioridade do seu objeto. Os que estão em uma escala social “alta” podem crer que as pessoas pertencentes a camadas populares cheiram mal e sentem-se ameaçados por seu suposto poder de contaminar e poluir. Estas, por sua vez, também se sentem enojadas pelas atitudes esnobes das camadas mais abastadas da sociedade.

A linguagem do nojo evoca, obrigatoriamente, uma experiência sensorial. É uma sensação instantânea, imediata, que nunca vem aos poucos, mas em uma espécie de jorro, tomando conta do sujeito e mexendo com todos os sentidos do corpo. Por isso, sentir nojo é humano e “humanizante”, e aqueles que dificilmente se enjoam parecem pertencer a uma categoria, de certa forma, diferente, como as crianças, os loucos ou os santos.

Miller (1997) considera que o nojo ajuda a estruturar o mundo, porque tem um incrível poder de gerar imagens, organizar e internalizar muitas de nossas atitudes morais, sociais e políticas. Sem o nojo para ser superado, o amor, por exemplo, faria muito pouco sentido. Quando amamos, várias “regras” do nojo precisam ser relaxadas, ou até destruídas. Assim, a língua do parceiro na boca do outro desperta prazer, enquanto a língua de um estuprador provocaria o mais intenso dos nojos.

Winfried Menninghaus (2003, p. 1) também considera o nojo uma das sensações mais violentas que um ser humano pode sentir e que afeta todo o sistema nervoso. Para ele, o nojo é a experiência de uma proximidade não desejada, que fica na fronteira entre padrões conscientes de conduta e impulsos inconscientes. Entretanto, assim como Miller, Menninghaus

acredita que o nojo é uma sensação fulminante e incontrolável que tem como objetivo proteger o indivíduo da contaminação, da sujeira e da morte.

A relação entre o cenário urbano e o corpo pode ser explorada partindo de algumas ideias. Alguns sociólogos definiam a cidade como um fenômeno físico. Segundo Castells (2011, p. 40), ao referir-se a H. T. Eldrigo, "*Urbano*⁴ designaria uma forma especial de ocupação do espaço por uma população, a saber, o aglomerado resultante de uma forte concentração e de uma densidade relativamente alta".

Na contemporaneidade, não é mais possível considerar a cidade dessa forma. Para Canclini, "as cidades não são apenas um fenômeno físico [...], mas também lugares onde ocorrem fenômenos expressivos que entram em tensão com a racionalização, com as pretensões de racionalizar a vida social"⁵ (2005, p. 72, tradução nossa).

Como lugar onde ocorrem tais fenômenos expressivos, a cidade, cada vez mais, é palco, não apenas da cultura urbana, mas também de tensões. Um crescimento acelerado e desordenado provocou o surgimento do que Bauman (2004, p. 12) denomina "refugio humano", pessoas "excessivas", "redundantes", "deslocadas", "indesejáveis". Nesta categoria estariam enquadrados todos aqueles que de alguma forma vivem à margem da sociedade ou que estão "sem domicílio e sem função" (BAUMAN, 2004, p. 42). Os catadores, embora possuam uma função e talvez, um domicílio, não o fazem de modo

⁴ Grifo do autor

⁵ "[...] las ciudades no son sólo um fenómeno físico [...], sino también lugares donde ocurren fenómenos expresivos que entran en tensión com la racionalización, com las pretensiones de racionalizar la vida social".

“instituído”: sua ocupação não é oficial, e, por vezes, o lugar onde vivem não dá direito a um endereço. De acordo com Bauman, tais indivíduos

podem ser confinados a seus próprios alojamentos, de modo que possamos contorná-los e assim evitá-los; podem ser designados para certos empregos e serviços, a serem usados apenas em tempos e lugares claramente definidos; e podem ser mantidos separados, a uma distância segura do fluxo da vida diária normal. (BAUMAN, 2001, p. 116).

Este “exílio”, do qual fala Bauman, também traz consequências para o corpo, já que, como afirma Paola Berenstein Jacques (2009, p. 130), ao referir-se a Sennett, “corpo e cidade se configuram mutuamente”, pois os corpos ficam “inscritos nas cidades” e “as cidades também ficam inscritas e configuram nossos corpos”.

Para Sennett, na cidade “o corpo se move de maneira passiva, anestesiado no espaço, para destinos estabelecidos em uma geografia urbana fragmentada e descontínua” (2008, p. 17). O corpo torna-se entorpecido, paralisado pelo medo do contato com o outro.

Outra base teórica importante para a pesquisa é a antropologia das emoções, um campo relativamente recente de estudo que analisa o papel das emoções na sociedade. Um dos principais pensadores dessa linha de pesquisa, David Le Breton (2009, p. 117) considera que as emoções “são formas organizadas de existência, identificáveis no seio de um mesmo grupo, porque elas provêm de uma simbólica social, embora elas se traduzam de acordo com as circunstâncias e com as singularidades individuais”. Nesse sentido, é fundamental, atualmente, analisar

as emoções e sua relação com o contexto social no qual o sujeito está inserido.

Tanto os diários de Carolina Maria de Jesus quanto o documentário *Estamira* são narrativas em que a emoção está presente como um elemento poderoso. A revolta, a angústia, o cansaço, a tristeza fazem parte da rotina de Carolina, que, para combatê-los, usa sua escrita. Escrevendo, ela devaneia, sonha, tem esperança, deseja e luta por um futuro melhor. Já, para Estamira, a única forma de combater a descrença, a revolta, a desesperança e a dor é o delírio. Delirando, a catadora sente-se como Deus: onipotente, onipresente e onisciente.

Com isso, esta pesquisa pretende também analisar as emoções de Carolina Maria de Jesus e Estamira a partir de seu discurso e como tal discurso pode configurar-se em realidade. Se o real, para Foucault (2012), dá-se a partir do discurso, então as falas de Carolina e Estamira são fundadoras de uma realidade – que talvez só exista para seus corpos, mas que, nem por isso, é menos real.

A perspectiva adotada é a contextualista, que se inspira na noção foucaultiana de discurso. Segundo Rezende e Coelho (2010, p. 78), “essa proposta teórica baseia-se na concepção de discurso como uma fala que mantém com a realidade uma relação não de referência, mas sim de formação”. Para Foucault, “o discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos” (FOUCAULT, 2012, p. 46). Dessa forma, o sujeito anima, com seus atos, as formas vazias da língua.

O corpo, o nojo e a cidade para Carolina e Estamira: resultados preliminares

Ao analisar os livros *Quarto de despejo* e *Meu estranho diário* é possível observar que, para Carolina Maria de Jesus, o corpo é lugar de resistência. Em seus textos, as referências ao corpo (seu e dos outros) são diversas: cansaço, fome, indisposição, sexo, bebedeiras. Parece sempre haver uma tensão entre miséria humana e resistência. Seu corpo parecia resistir aos problemas individuais e às questões que a incomodavam na favela em que vivia.

Sua escrita revela como se dava esse mecanismo de resistência. O corpo da escritora oscilava entre o cansaço, o desânimo e a necessidade de sobreviver. No dia 19 de maio de 1958, Carolina escreve em seu diário⁶: “Deixei o leito as 5 horas. Os pardais já estão iniciando a sua sinfonia matinal”. Parece o prenúncio de um dia mais ameno, mas, logo em seguida, ela afirma: “As aves deve ser mais feliz que nós. Talvez entre elas reina amizade e igualdade. [...] O mundo das aves deve ser melhor do que dos favelados, que deitam e não dorme porque deitam-se sem comer” (JESUS, 1997, p. 30).

Dessa forma, apesar do cansaço, a escritora nunca deixava de dedicar-se à escrita: “Eu deixei o leito as 3 da manhã porque quando a gente perde o sono começa pensar nas misérias que nos rodeia. [...] Deixei o leito para escrever” (JESUS, 1997, p. 52). “Escrevi até as 2 horas. Depois fui carregar água” (JESUS, 1997, p. 142). “Fiz o almoço, depois fui escrever. Estou nervosa. O mundo está tão insipido que tenho vontade de morrer” (JESUS, 1997, p. 157). “É que lavei

⁶ Os trechos aqui citados dos diários de Carolina Maria de Jesus foram transcritos de forma fiel, por isso, nem sempre respeitam a norma gramatical padrão.

muitas roupas e estou cansada. Depois fui escrever” (JESUS, 1996, p. 41).

O corpo de Carolina oscila entre a angústia, a desesperança e a vontade de superação, de conquista de uma condição de vida melhor. É possível perceber tal variação por meio de trechos de seus diários, que são um lugar, não apenas de resistência, mas também de denúncia das condições em que vive:

Nós somos pobres, viemos para as margens do rio. As margens do rio são os lugares do lixo e dos marginais. Gente da favela é considerado marginais. Não mais se vê os corvos voando as margens do rio, perto dos lixos. Os homens desempregados substituíram os corvos. (JESUS, 1997, p. 48).

Para Carolina Maria de Jesus, o nojo parece ser muito mais social do que verdadeiramente uma sensação avassaladora. Em vários trechos de seus livros, a escritora utiliza a palavra nojo para referir-se aos políticos – “Seu fosse o Getúlio [Vargas], eu queria da uma surra no [Carlos] Laçerda com chinelos. é novento” (JESUS, 1996, p. 70) – e às pessoas que apresentam comportamentos que ela considera reprováveis, como homens que bebem excessivamente e destratam suas companheiras e mulheres que mostram o corpo de forma despudorada: “Que homem novento. Ver a esposa sofrendo e não condoer-se” (JESUS, 1996, p. 62). Porém, esse sentimento que a autora denomina nojo não parece tão intenso como para Estamira. Da mesma forma que a personagem, Carolina não sente nojo ao remexer no lixo ou engordar os porcos para matá-los.

Para Estamira, o corpo é lugar de angústia. Ela sente dores, sofre de incômodos constantes e sua co-

nexão com a realidade parece ser um tanto tênue. Por vezes, mostra-se lúcida, mas, em vários momentos, parece delirar. A personagem que dá nome ao documentário demonstra desespero ao falar de Deus e dos homens. Entretanto, Estamira aparece alegre quando está no aterro sanitário de Gramacho. O lixão é um lugar seguro, onde ela encontrou amigos. Nesse sentido, para Estamira, o corpo é também um lugar de emoções deslocadas: o lixão é um lugar seguro e o nome de Deus parece provocar raiva e até nojo.

Para explicar o que é o chorume, Estamira afirma: “Eu não gosto de falar lixo, não, né? Mas vamos falar lixo. É cisco, né? É caldinho disso. É fruta, é carne, é plástico fino, é plástico grosso [...] e aí vai azedando, é laranja, é isso tudo. E aí faz esse ‘puquê’, sabe?” (ESTAMIRA, 2005)⁷. Em nenhum momento sua fala denota nojo, mas a “naturalidade” de quem está acostumado a lidar com o lixo e não se sente incomodada com isso.

Assim, no que diz respeito ao nojo, para Estamira esta é uma emoção também deslocada. A personagem não mostra nojo ao lidar com o lixo. Inclusive, ao remexer nos dejetos, separa objetos para sua utilização e até alimentos em conserva para consumo próprio. Um vidro de palmito, com validade vencida, por exemplo, pode se transformar em molho para o macarrão.

Três elementos parecem despertar o nojo em Estamira: Deus, os homens e a medicina. Ao ouvir falar de Deus, a personagem transforma-se. Ela demonstra, não apenas sinais de raiva, mas, também, de asco. Em alguns momentos, chega a cuspir quando tocam no assunto:

⁷ As falas de Estamira aqui apresentadas são fielmente transcritas do documentário.

Já me bateram com pau pra mim aceitar Jesus. Mas esse Deus desse jeito, esse Deus deles, esse Deus sujo, esse Deus esturpador, esse Deus assaltante de qualquer lugar, de tudo quanto é lugar, esse Deus arrombador de casa, com esse Deus, eu não aceito. Nem picadinha a carne, nem a minha carne picadinha, de faca, de facão, de qualquer coisa, eu não aceito, não adianta. (ESTAMIRA, 2005).

O nojo de Deus parece estar relacionado à violência sexual que a catadora de lixo sofreu no passado. Segundo o depoimento de sua filha, Carolina, no documentário, antes de ser violentada Estamira era uma pessoa religiosa. Ao ser atacada pela segunda vez, suplicou ao criminoso: “Para com isso, pelo amor de Deus!” (ESTAMIRA, 2004). Ao que o homem respondeu: “Que Deus? Esquece Deus” (ESTAMIRA, 2004).

No documentário, sua filha relata ainda que, pouco tempo depois deste episódio, Estamira ficou olhando fixamente para um coqueiro e então disse: “Isso é que é o poder. Isso é que é real” (ESTAMIRA, 2005). A partir daí, sua relação com Deus modificou-se completamente. Se antes Estamira confiava e acreditava em Deus, após a violência sua relação passou a ser de descrença e nojo.

Ainda que menos intensa, a reação é semelhante quando se trata do sexo masculino e da medicina. Além de ter sido violentada quando adulta, Estamira sofreu abuso na infância e na adolescência, e talvez isso tenha resultado nesse tipo de nojo. Quanto à medicina, a personagem recebe tratamento psiquiátrico e já foi internada. Ela não concorda com a prescrição dos remédios que deve ingerir e demonstra asco ao falar sobre os médicos e todas as situações pelas quais teve que passar em relação à sua saúde mental.

No que concerne à comparação entre Carolina Maria de Jesus e Estamira, um aspecto importante diz respeito aos devaneios e sonhos da escritora e aos delírios da catadora. O contexto em que viveu Carolina parece exacerbar-se para Estamira, tornando-se mais violento, cruel e excludente. Se, para escapar da realidade, Carolina recorria a sonhos e devaneios, Estamira foge completamente do mundo real por meio de seus delírios.

Carolina (JESUS, 1996, p. 64) acredita que “a coisa mais linda é sonho do poeta”. Por isso, utiliza seu diário para transcrever seus sonhos e devaneios. Assim, ao transformarem-se em palavras, as fantasias de Carolina tornam-se realidade, transportando-a para outra vida, para outro mundo.

Seus sonhos e devaneios relacionam-se, geralmente, à beleza da natureza ou à vontade de vestir-se bem ou morar em um lugar melhor.

O céu é belo, digno de contemplar porque as nuvens vagueiam e formam paisagens deslumbrantes. As brisas suaves perpassam conduzindo os perfumes das flores. E o astro rei sempre pontual para despontar-se e recluir-se. As aves percorrem o espaço demonstrando contentamento. A noite surge as estrelas cintilantes para adornar o céu azul. Há varias coisas belas no mundo que não é possível descrever-se. (JESUS, 1997, p. 39).

Já os delírios de Estamira estão relacionados a três temas: sua missão, o Trocadilo⁸ e o controle remoto. A catadora acredita conhecer a verdade, pois é onipotente, onipresente e onisciente – “Eu, Estamira, sou a visão de cada um. Ninguém pode viver sem mim. Ninguém pode viver sem Estamira”

⁸ Para Estamira, o Trocadilo parece representar ora os homens, de quem ela tem raiva e nojo, ora Deus.

(ESTAMIRA, 2005). E, por conhecer a verdade, tem a missão de revelá-la.

Estamira refere-se ao Trocadilo como um ser “amaldiçoado, excomungado, hipócrita, safado, canalha, indigno, incompetente” (ESTAMIRA, 2005), e ao controle remoto, como uma espécie de aparato imaginário, que teria poderes especiais sobre seu corpo.

No que diz respeito ao cenário urbano, Carolina Maria de Jesus testemunhou o momento em que as favelas surgiram na cidade de São Paulo, no final da década de 1940, como consequência de um contexto político e econômico específico. O Brasil atravessava um momento de intensas transformações. Era a época do governo de Juscelino Kubitschek, cujo *slogan* era “50 anos em 5”. O objetivo era modernizar o País e, para tanto, estimular a industrialização era um movimento decisivo. Nesse sentido, a urbanização também tinha papel fundamental, já que o crescimento industrial implicava o aumento da força de trabalho. Tais trabalhadores viriam do campo – notadamente do Nordeste –, que começava a esvaziar-se, acelerando a migração para as capitais brasileiras, principalmente Rio de Janeiro e São Paulo.

Se o Brasil, na época em que Carolina Maria de Jesus escreveu seu diário, vivia uma fase da realização de um projeto de construção de um novo País, cabe considerar a afirmação de Bauman (2004, p. 41), segundo a qual “onde há projeto há refugio”. Segundo ele, “nenhuma casa está realmente concluída antes que os dejetos indesejados tenham sido varridos do local da construção” (BAUMAN, 2004, p. 41).

E Carolina fazia parte desses dejetos humanos. É o que Bauman (2004, p. 12) considera “refugio humano”, pessoas “deslocadas”, “inadaptadas” ou “indese-

jáveis”. Sentia-se, como ela própria dizia, um “objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo” (JESUS, 1997, p. 33).

Para Sennett (2008, p. 370), “a pureza requer segregação”, e São Paulo começava a transformar-se em um lugar de distinções sociais, o que vai se intensificar no início dos anos 2000, momento no qual a vida de Estamira é retratada. Embora as cidades sejam diferentes – como observado anteriormente, Carolina vivia em São Paulo e Estamira, no Rio de Janeiro –, podemos considerar que o contexto de exclusão é o mesmo.

A cidade é muito mais ameaçadora e perigosa. E aqueles que, de acordo com o senso comum, podem representar o perigo devem ser afastados. Entre esses indivíduos encontram-se, por exemplo, os loucos e aqueles que utilizam maneiras alternativas para sustentar-se, como os catadores de lixo. Estamira faz parte dessas duas categorias e, portanto, é um sujeito que deve ser mantido afastado. Talvez por isso a personagem considere o lixão um lugar muito mais seguro do que as ruas da cidade: ela não só parece ameaçar, como também é ameaçadora para os outros habitantes.

Considerações finais

Buscou-se apontar neste texto algumas das discussões que construímos em torno do tema do corpo e do nojo a partir de dois atores sociais. Carolina e Estamira são duas mulheres reais, pobres, à margem de bens, serviços e cuidados almejados por grande parte da população urbana das cidades brasileiras. É nessa perspectiva que podem ser chamadas de “refugio humano”, nos dizeres de Bauman (2004).

Sua relação com seus corpos é sofrida. Carolina almeja dar consolo e conforto ao corpo. Estamira ignora seu corpo, como se sua dor se concentrasse na mente doente e lá encontrasse refúgio. Se corpo é cultural, expressa valores, pertencimentos (SIQUEIRA, SIQUEIRA, 2011), as duas mulheres não querem se identificar com seus corpos sofridos; querem se desligar deles. Seus corpos são deslocados, contradizem as representações midiaticamente reproduzidas da sensual mulher brasileira (SIQUEIRA, RIBEIRO, 2012; SIQUEIRA, SIQUEIRA, 2011).

A interação delas com a sujeira, com o lixo, com aquilo que os outros não querem mais e descartam, mostra uma atitude quase blasée (SIMMEL, 2007), no sentido de indiferente, banalizada. As duas mulheres lidam com o lixo como outros lidam com documentos, com papel: separam dele o que pode ser reutilizado, ainda comercializado ou guardado para uso próprio. A noção de reciclagem, de uso ecológico, mostra-se um luxo que não aparece nos livros de Carolina nem no filme sobre Estamira. Um discurso que não se encontra no meio de tanta miséria material e humana.

No meio de toda essa pobreza, a riqueza das duas personagens aparece na contradição: uma mulher miserável, com pouco domínio do registro escrito da língua, que escreve suas dores, e outra mulher, também muito pobre, mas que estabelece pouca conexão com a realidade. Enquanto Carolina escreve, Estamira delira, mistura realidade e devaneio. Seus dramas são ricas narrativas sociais, encerram imaginários sobre as mulheres das camadas mais pobres das sociedades urbanas brasileiras.

Referências

- BAUMAN, Z. **A sociedade individualizada**. São Paulo: Zahar, 2001.
- BAUMAN, Z. **Vidas desperdiçadas**. São Paulo: Zahar, 2004.
- BAUMAN, Z. **Confiança e medo na cidade**. São Paulo: Zahar, 2005.
- CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas**. São Paulo: Edusp, 1998.
- CANCLINI, N. G. **Imaginários urbanos**. Buenos Aires: Eudeba, 2007.
- CANCLINI, N. G. **Diferentes, desiguais, desconectados**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.
- CASTELLS, M. **A questão urbana**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- ESTAMIRA. Direção: Marcos Prado. Produção: Marcos Prado e José Padilha. Intérpretes: Estamira Gomes de Souza. Roteiro: Marcos Prado. Rio de Janeiro: RioFilme, 2004.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2012.
- JACQUES, P. B. Corpografias urbanas: a memória da cidade no corpo. In: VELLOSO, M. P.; ROUCHOU, J.; OLIVEIRA, C. de. (Orgs.). **Corpo: identidades, memórias, subjetividades**. Rio de Janeiro: Mauad/Faperj, 2009. p. 129-139.
- JESUS, C. M. de. **Meu estranho diário**. São Paulo: Xamã, 1996.
- JESUS, C. M. de. **Quarto de despejo**. São Paulo: Ática, 1997.
- LE BRETON, D. **As paixões ordinárias: antropologia das emoções**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- MENNINGHAUS, W. **Disgust: Theory of a strong sensation**. Albany: State University of New York, 2003.
- MILLER, W. I. **The anatomy of disgust**. Cambridge/London: Harvard University, 1997.
- PERNIOLA, M. **Do sentir**. Lisboa: Presença, 1993.
- PERNIOLA, M. **O sex appeal do inorgânico**. São Paulo: ECA-USP/Studio Nobel, 2005.

REZENDE, C. B.; COELHO, M. C. **Antropologia das emoções**. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

RODRIGUES, J. C. **Higiene e ilusão**. Rio de Janeiro: Nau, 1995.

SANTAELLA, L. **Cultura e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2008.

SANTOS, D. R. dos. **Do realismo sujo ao realismo vazio: um estudo comparativo entre a ficção de Rubem Fonseca e Pedro Juan Gutiérrez**. 2007, 201 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras da UFRJ. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

SANTOS, J. R. dos. **Carolina Maria de Jesus: uma escritora improvável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

SENNETT, R. **Carne e pedra**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008.

SIQUEIRA, D. da C. O. **Corpo, comunicação e cultura: a dança contemporânea em cena**. Campinas: Autores Associados, 2006.

SIQUEIRA, D. da C. O.; FARIA, A. A. de. Corpo, saúde e beleza: representações sociais nas revistas femininas. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 4, p. 171-188, 2007.

SIQUEIRA, D. da C. O.; RIBEIRO, V. Hope ensina e reforça representações: estratégias da publicidade para o corpo feminino. **Revista de Estudos da Comunicação**, v. 13, p. 181-188, 2012.

SIQUEIRA, D. da C. O.; SIQUEIRA, E. D. de. Corpo, mito e imaginário nos postais das praias cariocas. **RBCC/Intercom**, São Paulo, v. 34, p. 169-188, 2011.

SIMMEL, G. **Les grandes villes et la vie de l'esprit**. Paris: Éditions de l'Herne, 2007.

Daniele Ribeiro Fortuna

Doutora em Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, docente no programa de pós-graduação em Letras e Ciências Humanas da Unigranrio, membro do grupo de pesquisa Corps: corpo, representação e espaço urbano. E-mail: drfortuna@hotmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6878135619418108>

DANIELE RIBEIRO FORTUNA
DENISE DA COSTA OLIVEIRA SIQUEIRA

Denise da Costa Oliveira Siqueira

Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, docente do programa de pós-graduação em Comunicação da UERJ, coordenadora do grupo de pesquisa Corps: corpo, representação e espaço urbano. E-mail: dcos@uerj.br . Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1225911288831054>